



DECRETO N.º 3418 DE 5 DE MAIO DE 1969
Dispõe sobre denominação de vias públicas da
cidade de Campinas.

O Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições de seu cargo e de acordo com o item XX, do artigo 25 da Lei n.º 9842 de 19 de setembro de 1967 (Lei Orgânica dos Municípios),

D E C R E T A:

Artigo 1.º — Ficam denominadas, "RUA CASTELNUOVO", a rua que tem início na Avenida John Boyd Dunlop, é formada pela rua A e termina na rua D, todas da Vila Castelo Branco;

"RUA FORNOVO", a rua que tem início na Avenida John Boyd Dunlop, é formada pelas ruas 4 e 22 e termina na rua 35, todas da Vila Castelo Branco;

"RUA MONTESE", a rua que tem início na Av. John Boyd Dunlop, é formada pelas ruas 5 e 23 e termina na rua 35, todas da Vila Castelo Branco;

"RUA COLLECCHIO", a rua que tem início na rua 19, é formada pelas ruas 7 e 24 e termina na rua 35, todas da Vila Castelo Branco;

"RUA CAMAIORE", a rua que tem início na rua 19, é formada pelas ruas 9 e 25 e termina na 33, todas da Vila Castelo Branco;

"RUA MONTE PRANO", a rua que tem início na rua 19, é formada pelas ruas 14 e 27, e termina na rua 33, todas da Vila Castelo Branco;

"RUA ZOCCA", a rua que tem início na rua A, é formada pela rua 33 da Vila Castelo Branco e termina na Avenida 2 do Jardim Londres".

Artigo 2.º — Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campinas, 5 de maio de 1969

aa) DR. ORESTES QUERCIA

Prefeito Municipal

DR. LAURO PERICLES GONÇALVES

Secretário dos Negócios Jurídicos

Lavrado na Consultoria Jurídica da Prefeitura Municipal de Campinas, por mim Edith Stefanini, aos 5 de maio de 1969, e publicado no Serviço de Expediente do Gabinete do Prefeito, na mesma data.

a) GERALDO CESAR BASSOLI CEZARE

Chefe do Gabinete

O GLOBO - 14. ABRIL - 1977

Ordem-do-Dia de Sylvio Frota exalta ação da FEB na Itália



BRASÍLIA (O GLOBO) — Na ordem do dia referente às vitórias da Força Expedicionária Brasileira na campanha da Itália, que será lida hoje nas unidades do Exército em todo o País, o Ministro Sylvio Frota lembra que "foram as armas totalitárias do nazi-fascismo que fizeram o cemitério de Pistóia". Diz também que "qualquer condescendência ou concessão ao marxismo é, portanto, uma traição à memória daqueles que repousaram no campo-santo, bem como uma afronta aos sentimentos patrióticos dos que voltaram".

É o seguinte o texto da ordem do dia:

"As brumas de um passado de pouco mais de três décadas começam a esconder os angustiantes e tenebrosos dias da II Guerra Mundial, quando os postulados básicos da civilização ocidental viram-se ameaçados de destruição pela insânia do nazi-fascismo. Passam-se os anos, na inexorável marcha do tempo, sendo, por isto, um dever cívico reavivar as nações bem formadas os feitos notáveis de seus filhos. A nossa participação, no maior conflito que registra a história, está entre os acontecimentos dignos de serem rememorados.

"Berço de um povo pacífico, porém viril, afastado do caldeirão efervescente da Europa, confiava o Brasil poder manter sua neutralidade diante de uma guerra indiscriminada, a despeito da simpatia de nossa gente pela causa dos Aliados, inspirada na natural repulsa à doutrina expansionista e aos métodos desumanos das potências do Eixo.

"O afundamento, injustificado e traiçoeiro, de navios mercantes nacionais, ampenhados no legítimo exercício da navegação de cabotagem ou de comércio internacional, iria tirar do Governo a esperança de afastar-se da luta, que se alastrava a todos os continentes. O estado de beligerância foi então declarado, como a primeira medida para desagrar a Nação, ferida em sua soberania e traumatizada com a perda de centenas de seus filhos, submergidos no oceano pela brutalidade de uma agressão covarde.

"Apesar das enormes dificuldades iniciais, organizou-se a Força Expedicionária Brasileira, que, nos campos de batalha do ultramar, iria provar o dano do nosso soldado.

"Desembarcando em Nápoles, no momento em que a invasão da Normandia, desfalecia os Aliados, no teatro de operações do Mediterrâneo, de muitas grandes unidades, a Força Expedicionária viu-se empenhada, sem descanso, em missões diversas, desde ações de movimento até a fase da longa e enervante defensiva de inverno. Nesta ocasião, pretendendo-se aliviar a pressão alemã sobre o setor de Bolonha, foram realizados, sob clima inclemente, sem apoio aéreo e em larga frente, quatro malogrados ataques a Monte Castelo, bastião-chave do dispositivo ini-

migo. Tal propósito custou a vida de numerosos expedicionários, tombados nas escarpas geladas da sinistra elevação.

"Ao término do inverno, decidiu o Comando aliado retomar a iniciativa, visando à conquista de posições favoráveis à grande ofensiva da primavera. Oferecia-se, assim, nova oportunidade para a captura do baluarte — com fama de inexpugnável — que se transformara em sorvedouro de preciosas vidas.

"Ao cair da tarde de 21 de fevereiro de 1945, quando a penumbra crepuscular começava a envolver os Apeninos, os intrepidos homens do Regimento Sampaio, com o apoio dos fogos precisos da artilharia divisionária e cobertos pelas esquadrilhas brasileiras do 1º Grupo de Caça, dominaram o cume da elevação. Era, finalmente, a vitória, ungindo de heroísmo uma tropa que, na lama, na neve, nas vigílias exaustivas, nas patrulhas arriscadas e, até mesmo nos reverses — que a nenhum exército poupam — enrijecera sua tempera, aumentara a agressividade e aprimorara a eficiência. Entretanto, não foi apenas Monte Castelo o único sucesso importante que colhemos, em solo europeu.

"Castelnuovo — tipo de manobra tática bem planejada e magnificamente executada — foi ação militar da qual podemos, com justiça, nos orgulhar. O valeroso 6º Regimento de Infantaria realizou, neste combate, audaciosa progressão, no flanco dos teutões, pelas cristas erçadas de picos, com o objetivo de cortar-lhes a retirada.

Montese, a mais sangrenta epopéia das nossas armas na Itália, é outra página fulgurante, que dignifica nossas melhores tradições guerreiras. Na jornada memorável de 14 de abril de 1945, do poderoso dispositivo de ataque do IV Corpo de Exército, apenas os brasileiros cumpriram integralmente a missão, cabendo, neste dia, aos bravos do 11º Regimento de Infantaria a glória de conquistar, sob maciço bombardeio da artilharia alemã, a localidade que abria aos aliados as portas do vale do Rio Pó.

"Meus comandados

"Evocando, reverentemente, os feitos da Força Expedicionária Brasileira, rendemos nossa comovida homenagem aos que pagaram, com o sacrifício supremo de suas vidas, o preço da nosa liberdade e aos que, retornando à Pátria com as cicatrizes honrosas de suas mutilações físicas, ou trazendo, no íntimo de suas almas, as marcas invisíveis, mas indelévels, da terrível conflagração, contribuíram para reforçar, em nós, a convicção de que não se pode transigir com a prepotência.

"Lembremo-nos, igualmente, dos nossos irmãos da Marinha e da Aeronáutica que, nas perigosas águas do Atlântico ou nos céus do ar e além-mar, bateram-se até a morte pela perpetuação da democracia, conungan-

do conosco dos mesmos ideais e princípios.

"Hoje, turvam-se, novamente, os horizontes com a ameaça do totalitarismo, que, alimentado pela inépcia e tibieza de potências democráticas, ressurgiu da hecatombe, para angustiar a humanidade com o terrorismo, a infiltração corruptora da juventude, com as invasões de países soberanos para acorrentá-los à órbita comunista, e o aviltamento de nossos valores morais e espirituais. É preciso, por conseguinte, recordar, principalmente às novas gerações, que foram as armas totalitárias do nazi-fascismo que fizeram o cemitério de Pistóia. Qualquer condescendência ou concessão ao marxismo é, portanto, uma traição à memória daqueles que repousaram no campo-santo, bem como uma afronta aos sentimentos patrióticos dos que voltaram.

"Interpretando o pensamento de Thomas Carlyle, de que o herói representa uma raça, uma época e uma fé, podemos dizer que os nossos heróis — na cruenta campanha do Velho Mundo — foram, também, símbolos representativos de um povo que, dos casais nordestinos da Insurreição Pernambucana às frias montanhas da península itálica, defendeu sempre a condição de ser livre; de um período histórico, marcado pela violência ideológica, em que a força tenta esmagar o direito e, finalmente, de uma crença inabalável de que as virtudes cristãs são as únicas capazes de conduzir as nações pelo caminho de uma paz duradoura.

"A todos — mortos e vivos — devemos este generoso exemplo de abnegação e de amor à Pátria. Aos mortos tributamos nossa eterna veneração; aos vivos, nossas inextinguíveis admiração e solidariedade."

Palestra

Como parte das comemorações das vitórias da FEB na campanha da Itália, o Comandante Militar do Planalto, General Darcy Lázaro, proferirá hoje, às 14h30m, uma palestra no auditório do Quartel-General do Exército, no Setor Militar Urbano. Comparecerá o chefe do Estado-Maior do Exército, General Fritz Azevedo Manso.

Por ocasião da abertura da reunião, será lida a ordem do dia do Ministro Sylvio Frota.

Em São João del Rei

BELO HORIZONTE (O GLOBO) — O General Antônio Bandeira, comandante da IV Divisão de Exército, com sede nesta capital, preside hoje, em São João del Rei a solenidade de comemoração dos 32 anos das vitórias da Força Expedicionária Brasileira na campanha da Itália. As comemorações em São João del Rei terão destaque especial, pois foi dali que saiu o 11º Batalhão de Infantaria, que conquistou Montese no dia 14 de abril de 1945.

Autoridades civis e religiosas comparecerão ao ato, em que será lida a ordem do dia do Ministro do Exército.

(Jornal "O Globo", do Rio, de 14-abril-1977)

Há 21 Anos a FEB Conquistava Montese Iniciando a Grande Ofensiva Aliada

14.4.1966-1945

A data de hoje assinala o 21.º aniversário de uma das mais gloriosas páginas da História do Exército Brasileiro e de um dos mais notáveis feitos da Força Expedicionária Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial — o assalto e tomada de Montese.

Montese figura, juntamente com Monte Castello, Castelnuovo, Camaloro, Monte Prano, Zocca, Collecchio e Forno-vo, entre as jornadas vitoriosas das armas brasileiras na ação da Itália. Mas, em importância estratégica, salientam os historiadores, a conquista daquele baluarte pelas forças brasileiras representou a mais importante operação militar do Brasil na campanha.

As Bases

Os ataques da 1.ª Divisão de Infantaria Brasileira, sob o comando do General Mascarenhas de Moraes, que se desenvolveram ao norte do Rio Reno desde fins de 1944, tiveram o mérito incontestável de proporcionar ao V Exército norte-americano do General Mark Clark melhores bases de partida para dar início à ofensiva de primavera das forças aliadas em 1945.

Em virtude da brilhante campanha das tropas brasileiras durante o inverno com as tomadas de Porreña e dos baluartes de Monte Castello e Castelnuovo, o comando aliado confiou à Força Expedicionária Brasileira a responsabilidade de um setor de importância vital para o início da ofensiva de primavera.

O plano aliado idealizado pelo Quartel General de Mark Clark fundamentava-se em três etapas iniciais. A operação consistiria em 1.º) captura e consolidação de uma posição em torno da cidade de Bolonha; 2.º) consolidação das posições do Rio Pó, e 3.º) travessia do Rio Pó e bloqueio do Passo de Brenner, principal rota de comunicações e retraimento do inimigo, com posse das posições do Rio Agide.

A 24 de março, o V e VIII Exércitos aliados receberam uma ordem de operações para ser iniciada a ofensiva a 10 de abril. A manobra inicial se dividiria em três fases: Fase Verde, com ataques às posições de Montese, Monte Pigna, Tole e Monte Pero; Fase Marrom, com ataque a Monte Tortore, Monte Sole e Monte Adone, e Fase Preta, com a conquista da linha Zocca, Monte Ombraro, San Prospero, Monte Pastore e Preaduto.

A estratégia geral representava um ataque frontal à linha de defesa alemã denominada de Gengis Khan. Ao se aproximar a data marcada para o início da ofensiva, tropas norte-americanas, britânicas, brasileiras, polonesas e francesas, que compunham as forças aliadas na península italiana, afluíram em numerosos caminhões aos vales onde se defrontavam os exércitos adversários, transportando copioso material bélico acumulado durante os meses de inverno. A Itália deixou de ser a frente esquecida da Segunda Guerra Mundial. Chegara o momento de aniquilar as forças nazistas no Mediterrâneo e, juntamente com os exércitos aliados provenientes da frente ocidental e das estepes russas, liquidar o III Reich.

A Reunião de Castelluccio

A 8 de abril de 1945, o General Crittenger convocou os comandantes de Divisão do IV Corpo de Exército para uma reunião em seu Posto de Comando, instalado em Castelluccio. Nesta reunião, cada comandante de Divisão discorreu sobre os preparativos e disposições de suas tropas, passando-se em seguida à distribuição de tarefas aos diversos contingentes. O General George P. Hays, comandante da 1.ª Divisão de Montanha, sugeriu que a tropa brasileira assumisse a responsabilidade de uma das operações iniciais da grande ofensiva, sem, no entanto, especificar objetivos. O General Mascarenhas de Moraes, a esta altura, sugeriu que aos brasileiros coubesse a tomada do baluarte inimigo de Montese.



Tropas brasileiras em ação nas encostas dos Apeninos, onde se desenrolou a ação ofensiva aliada na primavera de 1945

considerado uma das mais difíceis das operações iniciais.

“Tem o comandante da Divisão brasileira a certeza de tomar Montese?” — indagou o General Hays.

“Sim, tenho” — respondeu com calma e firmeza o comandante da tropa brasileira. E, gracejando: “Mas quero também saber se o General Hays tem a certeza de aproveitar o sucesso brasileiro sobre Montese.”

O oficial norte-americano, sob os aplausos dos demais comandantes aliados presentes, levantou-se e abraçou cordialmente o comandante brasileiro.

Terreno Das Operações

A zona em que entrou em ação a FEB na ofensiva de primavera, que se iniciou em abril de 1945, situa-se na porção levantina da bacia do Rio Panaro, tímido curso d'água que atravessa os vales entre as colinas dos Apeninos. A região oferece declives geralmente uniformes e vastos dorsos arredondados.

Fronteiriço à posição brasileira sobre a encosta sudoeste está encravada a localidade do mesmo nome. Na frente da nossa Divisão, o inimigo dispunha de dois regimentos de infantaria pertencentes à 114.ª Divisão da Infantaria Ligeira, sob o comando do General Strahamer. A tropa alemã aguardava o eventual ataque bem entrincheirada e com um bem montado dispositivo defensivo em profundidade.

O Ataque a Montese

A ação ofensiva sobre o maciço de Montese foi dirigida e conduzida pelo General Mascarenhas de Moraes de seu observatório de Sassomalore. Prestaram assistência ao chefe divisionário brasileiro vários oficiais, notadamente o General Zenóbio da Costa, o Coronel Floriano de Lima Brayner, os majores Wallenstein de Mendonça e Vernon Walters (atual Adido Militar da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil e que servia como elemento de ligação entre a FEB e o QG do V Exército), e os Capitães Edson de Figueiredo, Paulo Pará e José Maria Romaguera. No Posto de Comando, na qualidade de representante do comandante

da Divisão, acompanhava as ações o Tenente-Coronel Humberto Castelo Branco.

Na manhã de 14 de abril, com tempo bom e o céu azul povoado de aviões aliados, teve início o assalto geral a Gengis Khan. A tropa brasileira, seguindo-se a violenta ação de artilharia comandada pelo General Cordeiro de Farias, começou a se movimentar na região de Montese. A reação inimiga foi rápida, instantânea e com disposição, com bombardeios pesados de canhões e morteiros contra a nossa base de partida.

Cerca do meio-dia, um pelotão do 1.º Regimento de Infantaria, atuando destemerosamente, abafou forte resistência alemã na localidade de Possessione. As 13h 30m, precedido de novo e compacto bombardeio da nossa artilharia, o 11 RI, sob o comando do Major Cândido Alves da Silva, iniciou o esforço principal da operação. Atacou em direção ao cemitério de La Torrè, onde estava montado um baluarte defensivo germânico; e, tendo a sua direita, o II Batalhão do Regimento Sampaio, levou de roldão a resistência adversária.

Na mesma hora, entrava em ação, com apoio de tanques norte-americanos, a tropa do 1.º RI, sob o comando do Major Syzeno Sarmento. Os brasileiros avançaram em toda a linha, paulatinamente, sempre com a proteção e apoio da nossa artilharia.

A Conquista

A primeira tropa brasileira a entrar em Montese foi o pelotão comandado pelo Tenente Iperan Nunes de Oliveira, pertencente à 1.ª Companhia, do 11 RI, do Capitão Sidney Alvares.

As 15h 15m, o II RI conquistava Serreto e alcançava as imediações de Paravento. Persistiram algumas resistências inimigas, mesmo no interior de Montese, até o entardecer.

A noite, a posição estava definitivamente em mãos brasileiras. A FEB ocupava Montese, Serreto e Possessione, capturara 107 soldados inimigos e alcançara a glória de ser a tropa aliada que, no primeiro dia da grande ofensiva de primavera na Itália, conquistara as melhores posições.



Walter Pires exalta a tomada de Montese

BRASILIA (FT) — O ministro do Exército, Walter Pires, expediu ordem do dia a propósito das comemorações do aniversário da conquista de Montese pela Força Expedicionária Brasileira, em 14 de abril de 1945, na campanha da Itália.

É a seguinte a ordem do dia do ministro do Exército:

“Em julho de 1944 chegou à Itália o primeiro escalão da FEB — cerca de cinco mil homens, sob o comando do general Zenóbio da Costa. Esse evento marcou, de forma efetiva, o início da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

“Desde a declaração do estado de beligerância, dois anos antes, havia o Exército brasileiro trilhado árduo caminho, buscando modernizar-se, saindo que estava de um prolongado período de paz. Faltava-lhe o aprendizado que só o campo de batalha ensina.

“Fez-se mister, pois, preparar adequadamente o nosso “pracinha” para ombrear-se com os aguerridos soldados aliados e enfrentar a máquina de guerra nazi-fascista. Já tes-

tada em toda a Europa e Norte da África.

“E o homem brasileiro, do qual os “febianos” constituíam fiel amostra, respondeu de forma exemplar ao clamor da pátria ofendida. Nem seria justo esperar desse povo atitude menos firme, forjado que foi, ao longo de quase cinco séculos, na luta pela conquista e manutenção dos mais nobres objetivos: a soberania nacional, a liberdade e a democracia.

“E assim foi em Camaione, Monte Prano, Barga, Monte Castelo, Castelnuovo e Forno di Taro, onde a vitória consagrou as armas brasileiras e o valor do soldado do Brasil impôs-se perante os Exércitos aliados.

“Em 14 de abril de 1945, como parte da ofensiva da primavera, nossa divisão atacou para conquistar Montese, cobrindo o flanco da 10.ª Divisão de Montanha do Exército dos Estados Unidos. Naquela data, após penoso e prolongado combate, apenas a tropa brasileira atingiu seu objetivo, e nos dias seguintes, suportou todo o peso dos contra-ataques alemães,

maciçamente apoiados por sua experimentada artilharia. Graças, entretanto, à heróica e obstinada resistência oferecida pela FEB, a posição conquistada foi mantida, o que muito facilitou, dias mais tarde, a retomada da ofensiva.

“O combate de Montese — um dos mais renhidos de toda a campanha — é uma das mais belas páginas da história da FEB e da História militar brasileira, pelo desenvolvimento tático e pela execução heróica.

“Meus comandados, lembrar as histórias de luta e sofrimento do nosso povo, para construção e afirmação da Pátria brasileira, é homenagear nossos antepassados e prometer aos jovens uma herança gloriosa. Um passado que se iniciou com os primeiros movimentos nativistas, ainda no século XVIII, quando três raças se uniram para expulsar o invasor holandês, fazendo brotar daquela união o Exército e a nacionalidade brasileira. Um passado de honra, em que o Exército se recusou a perseguir escravos fugidos, uma

vez que, povo que é, não poderia voltar suas armas contra o povo. Não hesitou, todavia, em empregar todas as suas forças contra um grupo de maus brasileiros que, em 1935, a serviço de outra potência, quiseram impor ao país um regime totalitário marxista. Anos mais tarde, cobriu-se de glória nos campos de batalha da Europa, lutando contra o regime nazista, que tentava convulsionar os países livres. Em 1964, quando, esquecidos da lição de 30 anos antes, grupos de aventureiros tentaram impor, mais uma vez, a mesma ideologia marxista, importada, contrária à nossa índole e à nossa formação, o Exército atendeu novamente ao chamado da Pátria e impediu que o país tomasse um rumo em desacordo com suas tradições cristãs e democráticas.

“Soldado, este é o seu Exército. Um Exército que luta e vence, instrui e alfabetiza, constrói estradas e barragens, demarca reservas indígenas.

“De você, soldado do Exército, o Brasil espera a perpetuação dessas tradições, custe o que custar.”

(Extraído do jornal "Folha da Tarde", de S. Paulo, de 14-abril-1982)